LIDO NA SESSÃO DO
DIA 21/08/06

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE RORAIMA
http://www.al.rr.gov.br
FL_____
Ass.
Estado de Roraima

GABINETE DO DEPUTADO FLAVIO CHAVES

PROJETO DE LEI Nº 60 /06

"Institui, no âmbito Estadual, o **Dia do Mestiço**, reconhecido como grupo racial-étnico-cultural, na forma que especifica".

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RORAIMA:

Faço saber que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - É instituído, no âmbito do Estado de Roraima, o Dia do Mestiço a ser comemorado anualmente no dia 27 de Junho.

Art. 2º - O Estado de Roraima reconhece os Mestiços como grupo racial-étnico-cultural.

Art. 3º - Ficam eleitos, como patronos cívicos dos Mestiços, os antropólogos Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, defensores da identidade mestiça na formação do povo brasileiro.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Antônio Martins, 21 de Junho de 2006.

FLÁVIO DOS SANTOS CHAVES
DEPUTADO ESTADUAL

Assembléia Legislativa
16 Anos
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO
ESTADO DE RORAIMA
http://www.al.rr.gov.br

JUSTIFICATIVA

O povo brasileiro foi formado a partir do encontro e da mestiçagem de três raízes básicas: a nativa, a branca e a negra. Tão logo o navegador português Pedro Álvares Cabral chegou ao que hoje é o Brasil, foi sendo plantada a mistura entre nossas raízes. Depois de 1500, um enorme número de brancos e de negros chegou ao Brasil e foram-se misturando entre si e com os nativos, chamados de indígenas pelos portugueses. Das populações nativas com os portugueses, surgiram os mamelucos, ou caboclos ou, como defende o folclorista Câmara Cascudo e como é falado corretamente por nosso povo roraimense e pelos amazônidas, **os cabocos**. Essas uniões se deveram principalmente ao fato dos colonos portugueses raramente trazerem consigo mulheres brancas, passando a viver e a gerar com mulheres nativas os primeiros brasileiros. Uma das marcas mais fortes desta mistura, mas pouco observada, é o sotaque da língua portuguesa falada no Brasil. Sendo as mães dos primeiros brasileiros mulheres indígenas, o primeiro idioma [illegible] paterno (quando tinham interesse ou eram forçados). Daí falarmos português com sotaque de índio. Os negros trazidos para trabalhar nos engenhos de açúcar também se uniram às mulheres nativas, tanto com indígenas quanto com cabocas, principalmente nos quilombos, para onde poucas mulheres negras conseguiam fugir, seja em função das longas distâncias, seja pela dificuldade de fugir levando seus filhos. Os quilombos foram, assim, grandes centros de miscigenação e as mulheres nativas a eles chegavam seja como "cubinas indígenas", seja através de pactos com as tribos nativas vizinhas. O grande estudioso da miscigenação racial brasileira, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, defende que até "onde se supõe conservar-se mais puro o sangue ameríndio ou o híbrido de português com índio chegou o africano" (*Casa-Grande & Senzala*, p. 46), nisto incluindo os rios amazônicos. O terceiro importante encontro foi o que se deu entre nossas raízes brancas e negras, resultando no tipo mestiço identificado como mulato, palavra que, segundo o *American Heritage Dictionary*, deriva do idioma árabe e significa mestiço.

Em nenhuma outra região do Brasil, porém, os mestiços têm uma presença tão marcante e talvez em nenhuma outra a mistura racial foi tão bem sucedida quanto na Região Norte, onde, segundo dados do IBGE de 2000, correspondem a 68,26% da população, em comparação com 38,6% a nível nacional (*Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 60, 2.000, p. 2-65), percentual que tende a crescer e que hoje certamente é maior do que há época da pesquisa.

A cultura brasileira rejeita o modelo de classificação racial que predomina em países de cultura germânica e anglo-saxão, em que os grupos étnicos e raciais são estabelecidos de forma a negar os tipos intermediários. Em nossa cultura há todo um gradiente de definições que refletem o gradiente de cores e tipos físicos e culturais produzidos pelo vitorioso processo de mestiçagem brasileira. Isso foi estudado sobejamente por muitos pensadores brasileiros e estrangeiros, como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Álvaro Maia, Stefan Zweig, só para citar alguns. Este último, um judeu austríaco que se refugiou no Brasil fugindo do nazismo e que aqui, em 1942, tragicamente se suicidou deprimido pelos conflitos racistas que dividiam a Europa naquela época, comentou em sua obra "Brasil, País do Futuro", como a sociedade brasileira seguia um caminho inverso à loucura racista européia, "Com a maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente, porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora, a fim de o mais depressa e o mais completamente se tornarem brasileiras, constituindo nação nova e homogênea". Se se pode afirmar que seja muito otimista esta observação, não se pode negar que foi por nossa tendência cultural à mestiçagem e à consciência de cada brasileiro mestiço de que ele está histórica e afetivamente ligado a cada raça das quais deriva que o Brasil livrou-se até hoje de conflitos separatistas, segregacionistas do porte observado em muitos lugares do mundo.

Entenda-se a palavra raça em seu sentido original, e correto, de raiz, de origem, no seu sentido genealógico e social, não no sentido posteriormente construído e que tanta confusão e prejuízos causou.

Mas o que são os mestiços? Os mestiços são os pardos, os da cor da terra, os cabocos, os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os ainocôs; não são nem índios, nem negros, nem brancos, nem

15 Anos
DA CONSTITUIÇÃO
DO ESTADO
DE RORAIMA
2006

amarelos, nem de raça alguma, embora tenham em suas veias o sangue indígena, o sangue negro, o sangue branco, o sangue amarelo. Nesse sangue estão presentes misturados em percentuais diferentes os sangues de todas as raças que formam nossa Nação.

Os mestiços, que rigorosamente não são uma raça, mas uma amálgama de raças que forma geneticamente o que

Gilberto Freyre chamou de meta-raça, ou seja, a mistura de várias as raças produzindo uma identidade nova, é o que no passado diziam ser a nova raça, a dos mestiços, a representante genuína da brasilidade e formadora da raça brasileira. Os mestiços são esta mistura bonita que ao mesmo tempo em que é todas as raças juntas, não é nenhuma delas na sua pureza específica.

Repetimos, porém, que o mestiço não é uma raça, mas a mistura delas e, por isso, um símbolo vivo da derrota do racismo. São herdeiros culturais e genealogicamente dos índios, dos negros, dos brancos, dos amarelos. Esta última característica talvez explique a existência de um tipo de racismo que, ao contrário do racismo genocida que é conhecido principalmente pelas atrocidades nazistas, é pouco abordado pela na mídia e nos livros de história, o racismo antimestiço. O racismo antimestiço distingue-se daquele porque não defende necessariamente a morte das raças que hostiliza, mas simplesmente o isolamento entre elas. Esse racismo não é novo e tem aparecido em vários momentos da história usando diversos argumentos e fachadas. O mais famoso de seus defensores foi Arthur de Gobineau, que foi embaixador da França no Brasil há época do Império. Segundo esse senhor, a Humanidade iria um dia parar de progredir porque a mistura entre as raças iria levar à extinção da raça ariana que Gobineau considerava a única realmente capaz de desenvolver idéias e criações novas. Chegou a calcular que, em função de nossas misturas raciais, por volta de 2150 o povo brasileiro iria desaparecer! Uma manifestação mais recente do racismo antimestiço foi o regime do "apartheid" sul-africano, que pregava que era melhor para os brancos e para os negros que vivessem separados preservando cada um sua diversidade cultural e racial.

Rejeitando todo esse discurso racista, e valorizando união e características de nosso povo nortista, em sua absoluta maioria formada por mestiços, principalmente cabocos e descendentes de nordestinos, a identidade mestiça foi reconhecida na I Conferência Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, ocorrida em Manaus, nos dias 7, 8 e 9 de abril de 2005, onde foram eleitos 27 delegados mestiços. Esta conferência foi convocada pela SEPPIR, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, ligada diretamente à Presidência da República. No dia 30 de junho deste mesmo ano, em Brasília, a 1.ª CONAPIR - Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial aceitou o registro como delegada de uma representante mestiça, proveniente da Região Norte. Encerrada a conferência, o mestiço aparece agora no *Relatório Final* da 1.ª CONAPIR ao lado dos indígenas, negros, ciganos, árabes, judeus, e outros grupos étnicos e raciais, reconhecido como identidade e incluído entre aqueles grupos que fazem jus a atenção e políticas públicas voltadas à sua realidade e necessidade específicas, como é o caso de nossa população caboca e ribeirinha. Neste sentido, o Dia do Mestiço já foi aprovado em Manaus, Amazonas.

Apesar desse avanço no reconhecimento da identidade mestiça, há ainda idéias preconceituosas que defendem o não reconhecimento dos mestiços nem dos direitos dos mestiços enquanto população específica, pois quando um grupo racial-étnico-cultural não é reconhecido oficialmente, oficialmente também não tem direito a ter direito. Não reconhecer os mestiços é a forma mais eficaz de não lhes conferir nenhum direito.

Os mestiços, assim como os índios, os negros e outros grupos, também têm sofrido discriminações e perseguições. Para comprovarmos isto, basta olharmos um pouco a história dos movimentos populares brasileiros e veremos que os movimentos dos mestiços foram duramente massacrados e tiveram seus líderes mortos, como, por exemplo, podemos citar a **Balaiada**, **Canudos**, a **Guerra do Contestado** e a **Cabanagem.** A palavra cabano vem de cabana, que vem de *caboco.* Cabana é a casa do caboco.

Não houve no Brasil movimentos mais violentamente combatidos que estes, chegando ao cúmulo do governo brasileiro promover através de seu exército regular a limpeza étnica dos pardos e mestiços. Já os movimentos de brancos como o **Farroupilha**, foram tratados de forma muito especial, até incorporando os comandantes farrapos ao exército regular.

São muitos e contínuos os registros históricos de dois pesos e duas medidas para resolver os mesmos impasses provocados pelos brancos e pelos não brancos, entre esses os mestiços.

O reconhecimento e a valorização da identidade mestiça e a instituição do Dia do Mestiço é assim algo significativamente benéfico para o povo de Roraima, pois, além de atuar no aumento da auto-estima da maioria de nossa população, facilitará a promoção e execução de políticas públicas voltadas para essa população.

Palácio Antônio Martins – Praça do Centro Cívico, 202 – PABX (95) 3621-4000 – Telefax: (95) 3623-0033 / 3623-9409
CEP: 69.301-380 - Boa Vista - Roraima - Brasil - ALE-RR na internet: www.al.rr.gov.br

A aprovação desse Projeto de Lei será um ato memorável que expressará sumamente toda a dignidade, espírito de cidadania e apego ao povo roraimense que este Poder Legislativo estadual representa e inspira.

Observação: Vide documentação pertinente anexa

Palácio Antônio Martins, 21 de Junho de 2006.

FLÁVIO DOS SANTOS CHAVES
Deputado Estadual